



## A TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS POR MEIO DA TRADUÇÃO

**Andréa Moraes da Costa**

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

E-mail: andrea@unir.br

**Resumo:** Somos dependentes da linguagem, em todos os seus níveis, de maneira especial do nível da tradução, para estabelecermos nossas relações interpessoais. Assim, a percepção do cotidiano e de seus eventos que têm transformado nossas histórias locais e globais, tendo em seu eixo a tradução, instigou-me a discorrer acerca desta tarefa associada às atividades práticas do ser humano. Em virtude disto, neste artigo, pretendo provocar algumas reflexões em torno, especificamente, da relevância social da tradução, indicando modos de materialização de seus benefícios, na esfera da sociedade. David Crystal (2005,2006,) e David Bellos (2012), dentre outros estudiosos norteiam esta discussão.

**Palavras-chave:** Linguagem. Tradução. Relações interculturais. Social.

### TRANSFORMATION OF INTERCULTURAL RELATIONS THROUGH TRANSLATION

**Abstract:** We are dependent on language at all its levels, especially the level of translation, to establish our interpersonal relationships. Thus, the perception of daily life and its events that have transformed our local and global histories, with translation as its axis, prompted me to discuss this task associated with the practical activities of the human being. Due to this, in this article, I intend to provoke some reflections about, specifically, the social relevance of translation, indicating ways of materialization of its benefits, in the sphere of society. David Crystal (2005,2006,) and David Bellos (2012), among other scholars guide this discussion.

**Keywords:** Language. Intercultural relations. Social. Translation.

### Notas iniciais

De maneira inusitada, ao prefaciá-la obra *Found in Translation: How Language Shapes Our Lives and Transforms the World*<sup>1</sup>, de Nataly Kelly e Jost Zetsche, o linguísta David Crystal (2012) nos apresenta uma referência relacionando a tradução e objetos voadores não identificados, os famosos OVNI, ou UFOs (Unidentified Flying Objects) em língua inglesa. O estudioso esclarece que quando pensa acerca da tradução, recorda-se do filme *Close Encounters of the Third Kind*, de 1977, (traduzido no Brasil como *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*). Crystal explica que no filme são

<sup>1</sup> Descoberta na tradução: como a linguagem molda nossas vidas e transforma o mundo.

\* A autoria das traduções informadas neste texto é conferida a mim, enquanto autora deste estudo.

abordados três níveis de contato com esses objetos: a) primeiro nível: visualizações de objetos não identificados; b) segundo nível: ocorre quando, além das visualizações, podemos ver pessoas afetadas pelos UFOs e c) terceiro nível: caracterizado por interações com tais objetos.

Iniciar esta discussão trazendo essa referência pode parecer um tanto estranho, pois o que os UFOs teriam a contribuir com reflexões que se propõem a colocar ao centro a prática tradutória? Crystal sugere que, para termos um encontro de primeiro ou segundo grau no campo da tradução, deveríamos observar o tradutor em ação, empreendendo esforços como intérprete de uma personalidade em uma entrevista para um canal televisivo, ou atuando em um evento cuja audiência é composta por pessoas surdas, por exemplo. E a partir dessa interação estabelecida entre objetos voadores não identificáveis e tradução, esse linguista nos encaminha para a compreensão de que, assim como esses objetos influenciam nossas vidas e afetam nossa compreensão acerca do que significa ser humano, a tradução também exerce influência em nossas vidas. Isso ocorre, segundo ele, quando passamos a perceber os resultados bem-sucedidos da tarefa tradutória, como a assinatura de documentos firmados entre nações. No entanto, Crystal não deixa de mencionar o outro lado da moeda: a possibilidade de ocorrência de mal-entendidos, frutos de um trabalho descuidado.

Mas o que me interessa neste momento é o primeiro caso, que evidencia os aspectos bem-sucedidos da tradução, pois pretendo aqui provocar algumas reflexões em torno da relevância social desta tarefa. Por isso, considere produtivo dar início a esta discussão mencionando esse relato – que atrela elementos, os quais, à primeira vista, parecem não ter nenhuma relação –, uma vez que no cerne dessa questão encontra-se a assertiva indicando que a tradução afeta nosso cotidiano, nossa vida em sociedade.

E bem sabemos o quanto estamos distantes da concepção de vida em sociedade entendida há quatro, cinco séculos atrás, por exemplo. As possibilidades de convívio em sociedade se multiplicaram devido às fartas propostas tecnológicas promotoras de novas formas de contatos interpessoais. Não estamos mais condicionados a uma maneira limitante de nos relacionarmos. Nos relacionamos hoje quebrando barreiras geográficas, mesmo sem nos deslocarmos fisicamente, e

driblando o tempo, amparados pelo desempenho contínuo e acelerado das ciências e da tecnologia.

No entanto, continuamos dependentes da linguagem, em todos os seus níveis, de maneira especial do nível da tradução, para estabelecermos nossas relações interpessoais. Necessitamos, portanto, interagir cada vez mais com esse modo de tratar códigos verbais e não verbais de uma língua para outra, ou seja, a tradução, para que assim também adquiramos condições de compreender o mundo multilíngue à nossa volta.

Os fluxos migratórios, tão acentuados em nossa época, servem de referência para ilustrar o quão estamos expostos ao multilinguismo, pois, segundo David Crystal (2005, p.48), “Na Idade Média, era muito fácil para as comunidades ficarem isoladas do resto do mundo. Hoje isso é virtualmente impossível [...]”.

Com isso, instigados pelo convívio com diferentes culturas a partir dos movimentos migratórios ou pelos contatos viabilizados pelas novas formas de comunicação, queremos experimentar esses novos contextos linguísticos e culturais,

Queremos ter nosso bolo linguístico e comê-lo. Queremos expressar nossa identidade através da língua e nos comunicar inteligivelmente através dela. Queremos ser diferentes e iguais. E a coisa mais esplêndida sobre o uso da língua pelos seres humanos é o fato de isso ser perfeitamente possível. É o tipo de situação com que o cérebro multifuncional lida muito bem. *Podemos* ter nosso bolo e comê-lo. Uma das principais descobertas linguísticas do século XX foi demonstrar a capacidade extraordinária do cérebro para a língua. Uma das consequências foi a observação de que o bilinguismo e o multilingüismo são a condição humana normal (CRYSTAL, 2005, 48).

É preciso observar, no entanto, como alerta o próprio autor, que “apesar do multilinguismo ser uma condição humana natural, indivíduos geralmente não atingem grande proficiência em mais que duas ou três línguas”<sup>2</sup> (CRYSTAL, 2006, 416). É claro, casos como o do Papa João Paulo II (1978-2005) ou do Papa Francisco, por exemplo, são exceções. O primeiro foi o papa mais multilíngue de todos, era polonês e fluente em vários idiomas, dentre eles o italiano, o português, o francês, o espanhol, o inglês e o latim; tinha, ainda, conhecimento linguístico de eslovaco, russo, ucraniano, japonês, entre outros. O segundo, de nacionalidade argentina, também se destaca pelo domínio de alguns idiomas, como o alemão, o italiano, o francês e o ucraniano.

<sup>2</sup> “Although multilingualism is the normal human condition, individuals typically do not achieve great proficiency in more than two or three languages”.



Se considerarmos que atualmente há mais de 6.000 idiomas falados no mundo, conforme publicado pela Sociedade Linguística da América<sup>3</sup>, esses exemplos não nos impactarão, uma vez que, mesmo que os papas citados dominassem linguisticamente trinta (30) idiomas juntos, este número não representaria 1% dos idiomas falados no mundo. Com um número tão expressivo de línguas espalhadas pelo globo, inevitável que ocorram problemáticas no domínio da comunicação e que busquemos socorro para lidar com essa diversidade.

Assim, a tradução, chancelada pela sua característica mediadora, atende aos mais diversos setores da vida humana, consolidando sua relevância social. Das estações espaciais, localizadas na Rússia, Estados Unidos, Coreia do Norte, etc., a cultos em igrejas situadas na Amazônia, ou em qualquer outro canto do mundo, a tradução está presente, contribuindo para que a dinâmica do dia a dia não se interrompa.

Com base nisso e tendo em mente que “toda a tradução é apenas um modo provisório de lidar com o estrangeirismo das línguas”<sup>4</sup> (BENJAMIN, 2002, p.257), na seção a seguir passo a ilustrar alguns exemplos de atuação da tradução, com o propósito de demonstrar sua relevância social. Para isto, baseando-me na importância das histórias locais e na sua importância na produção dos discursos teóricos, mencionado pelo pesquisador uruguaio Hugo Achugar (2006, p. 28), parto de reflexões que trazem ao centro a tradução sob uma perspectiva brasileira, particularmente a da Amazônia Legal<sup>5</sup>.

### **Amazônia legal: refugiados e a tradução**

Nos últimos oito anos, o Brasil recebeu duzentos e seis mil, setecentos e trinta e sete (206.737) solicitações de reconhecimento da condição de refugiado<sup>6</sup>. As

<sup>3</sup> *Linguistics Society of America*

<sup>4</sup> [...] all translation is only a somewhat provisional way of coming to terms with the foreignness of languages.

<sup>5</sup> É uma área da região da Floresta Amazônica que corresponde aos seguintes estados: Acre, Amazonas, Amapá, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão.

<sup>6</sup> Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Federal (2019), considera-se refugiado a pessoa que deixa seu país de origem ou de residência habitual devido a um fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, ou devido à grave e generalizada violação de direitos humanos.

principais nacionalidades que tramitaram as solicitações são: Senegal (5%), Cuba (4%), Angola (3%), Bangladesh (3%), Síria (3%), China (2%), Nigéria (2%), Haiti (10%), Venezuela (52%). Podemos observar que Venezuela e Haiti representam as nacionalidades cujas solicitações apresentam maior percentual.

Somente em 2018, o Brasil recebeu sete mil e trinta (7.030) solicitações de haitianos nesse sentido e sessenta e um mil, seiscentos e oitenta e uma (61.681) procedentes de venezuelanos. Os estados que receberam maior número de solicitações, nesse ano, fazem parte da Amazônia Legal, isto é, os estados de Roraima, com cinquenta mil, setecentos e setenta (50.770) solicitações, e do Amazonas, com 10.500. Na sequência, em terceiro lugar, aparece o estado de São Paulo com nove mil, novecentos e setenta e sete (9.977) solicitações de reconhecimento da condição em questão. Esses dados foram divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), 4ª edição do relatório *Refugiados em Números*. O CONARE é uma comissão interministerial ligada ao Ministério da Justiça, no Brasil, responsável por receber as solicitações de refúgio, bem como determinar se os requerentes reúnem as condições necessárias para serem reconhecidos como refugiados.

Quando pessoas nessa situação chegam ao país pretendido para seu refúgio, passam, evidentemente, por uma série de desafios e adaptações. A busca por uma colocação no mercado de trabalho e, em muitos casos, o novo idioma se configuram como um de seus principais enfrentamentos a partir de sua chegada no novo país. Embora muitos refugiados, ao desembarcarem em novas terras, tenham consigo seus comprovantes de qualificação profissional, ainda assim, os desafios persistem. O idioma, normalmente, é o fomentador desta questão, tanto no que diz respeito aos aspectos legais – necessidade de tradução oficial de documentos, como certidão de nascimento, diplomas, carteira de habilitação, etc.– quanto no que se refere a aspectos que envolvem a interação social.

Ao dar contorno ao universo amazônico como principal acolhedor de refugiados, é oportuno lembrar a constituição dos aspectos linguísticos que caracterizam esse local. Mitos, narrativas associadas à natureza, por exemplo, são peculiares e estão frequentemente presentes nos discursos da população que nela habita, fato que pode interferir na interação comunicativa entre o refugiado e o nativo

da cultura amazônica.

Como no ato comunicativo está em jogo não somente o compartilhamento de símbolos linguísticos verbais, mas também os não verbais que em conjunto resultam em uma mensagem, não é difícil compreender que simbologias e manifestações resultantes do convívio com mitos, lendas, enfim, com particularidades de uma determinada cultura possam interferir na interação comunicativa entre indivíduos pertencentes a culturas distintas.

Não posso, entretanto, deixar de mencionar outro ponto igualmente importante nessa relação intercultural entre indivíduos nativos dos países que recebem refugiados e indivíduos nesta condição. Trata-se da ausência, em muitos casos, de proficiência linguística da população do país receptor no que diz respeito ao idioma das culturas refugiadas.

Para exemplificar essa situação, tomo o caso do Brasil enquanto destino de refúgio para pessoas oriundas de países integrantes da América Latina, região do continente americano em que a maioria dos países tem como idioma oficial o espanhol. Há um despreparo linguístico em nosso país, por exemplo, ao recebermos refugiados oriundos da Venezuela, cujo idioma oficial é o espanhol. Nem mesmo a proximidade geográfica parece contribuir para que brasileiros dominem o idioma do país vizinho.

Conscientes e atentos a esse fato e às necessidades de aprendizado do idioma local, por parte dos refugiados, pesquisadores da Amazônia, instituições de ensino, sobretudo públicas, Organizações não Governamentais – ONGs têm promovido ações que oferecem auxílio neste sentido. As ações contemplam desde aulas presenciais de língua portuguesa, incluindo aspectos culturais, a invenções tecnológicas no campo linguístico.

Para além das necessidades relacionadas ao idioma falado, há também problemas a serem resolvidos com relação ao idioma no contexto da escrita. Refiro-me aos documentos da população refugiada, que carecem da tradução juramentada para que possam ter teor legal.

Vejamos a seguir a distribuição dos profissionais dessa área, bem como os idiomas disponibilizados para a realização da tradução juramentada nos dois dos principais estados que receberam refugiados, em 2018, Amazonas e Roraima:

### Quadro 1

Idioma	Amazonas	Roraima
Inglês	05	06
Espanhol	02	08
Francês	01	01
Italiano	-	01
Mandarim	-	01
Total idiomas	03	05

Fonte: Juntas Comerciais dos estados do Amazonas e Roraima (2019)

Os números apresentados a partir do quadro 1, se confrontados com os registros do CONARE (2019), que indicam que os estados do Amazonas e Roraima foram os estados que se destacaram quanto ao recebimento de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil, chamam atenção para uma defasagem visível do quantitativo de tradutores oficiais de espanhol, sobretudo no estado do Amazonas. Considerando que o espanhol é o idioma da população em pauta e que o estado em apreço, além desses refugiados, recebe também fluxo migratório de países como Colômbia e Cuba, igualmente falantes de espanhol, penso que os números em destaque sugerem tomada de atitude. Há urgência de iniciativas por parte dos agentes governamentais, viabilizando a ampliação do número desses profissionais.

A tradução juramentada, também conhecida como tradução pública, foi oficializada no Brasil a partir do decreto nº 13.609, de 21 de outubro de 1943. Esta atividade é realizada por um profissional capacitado, o Tradutor Público e Intérprete Comercial vinculado à Junta Comercial de seu estado, cuja contratação se dá por meio de concurso público.

O papel dessa modalidade de tradução reflete de maneira decisiva na permanência do refugiado em um determinado país, bem como no modo de vida que ele poderá ter a partir da aceitação legal de seu pedido de refúgio. A ausência de um diploma oficialmente traduzido, por exemplo, poderá implicar na atuação profissional em um campo distinto daquele de formação do indivíduo, dentre outras implicações.

Tão importante quanto a presença da tradução nas relações interculturais, é

sua presença nas relações internacionais, selando contratos entre as mais diversas nações desde que os povos iniciaram suas transações comerciais, deslocando-se e deslocando suas mercadorias através do globo. Em um mundo em que o protagonismo linguístico, na maior parte dos tratados escritos e orais – sejam eles econômicos, religiosos ou diplomáticos – é resguardado à língua inglesa, não podemos desconsiderar a relevância da tarefa tradutória. É prudente e necessário dar relevo a seu papel nesse contexto – promover interações interculturais –, pois sem ela, o mundo viveria a experiência babilônica novamente, viveria uma grande confusão motivada pela diversidade de idiomas. Afinal, empregando as palavras do crítico francês George Steiner (2001, p.71), “Vivemos neste marco plural”<sup>7</sup> e somos mais de sete bilhões (7.000.000.000) de habitantes dispersos em um planeta em que ressoam mais de seis mil (6.000) línguas.

### **Indígenas e a tradução**

O Brasil, país com mais de duzentos e dez milhões (210.000.000) de habitantes, possui uma população indígena correspondente a oitocentos e noventa e seis mil, novecentos e dezessete (896.917) índios, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010). O instituto, por meio do Censo realizado em 2010, revelou a existência de duzentos e setenta e quatro (274) línguas indígenas faladas por indivíduos pertencentes a trezentas e cinco (305) etnias diferentes e apontou ainda que:

[...] um total de 37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais falavam no domicílio uma língua indígena. Observou-se também um percentual de 17,5% que não falava o português. O percentual de indígenas que falava a língua indígena no domicílio aumenta para 57,3% quando consideramos somente aqueles que viviam dentro das Terras Indígenas, da mesma forma aumenta para 28,8% o percentual daqueles que não falavam o português. Essa característica confirma o importante papel desempenhado pelas Terras Indígenas no tocante às possibilidades de permanência das características socio-culturais e estilos de vida dos indígenas (IBGE, 2010).

Os dados apresentados pelo IBGE também dão robustez ao fato da tradução ter relevância social. Somos conhecedores dos desafios vividos pelas comunidades

<sup>7</sup> “Vivimos en este marco plural [...]”.

indígenas no que se refere à manutenção de sua cultura. Alguns desses desafios envolvem a comunicação, devido à sua proximidade com outras culturas, justamente pela diversidade de línguas faladas pelos povos indígenas, indicada pelo Censo 2010.

Quando se trata de línguas indígenas, é possível observar que pesquisadores têm direcionado seus esforços na tentativa de colaborar com essa população, dentre outras maneiras, promovendo meios para que ocorra sua preservação linguística e viabilizando para que haja a “permanência das características socioculturais e estilo de vida dos indígenas” (IBGE, 2010). Uma das mais recentes colaborações neste sentido é a criação do *TraduzÍndio*, no estado de Tocantins, na Amazônia Legal. Trata-se de um aplicativo com capacidade de traduzir as línguas Apinajé e Xerente para a língua portuguesa do Brasil. Segundo Cibéle Tenório (2019), o aplicativo foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal de Tocantins (UFT), motivada pela presença de um número significativo de indígenas na universidade, os quais apresentavam dificuldade de se comunicar no idioma oficial do Brasil.

Fomentar ações como essa, com certeza, além de contribuir para a interação social, promove a conservação de culturas, sobretudo daquelas em processo de extinção. No caso em questão, a atividade tradutória, mediada pela tecnologia, assume um importante papel inclusive para que determinadas culturas, como as ilustradas aqui, e seus costumes sejam conhecidos em diferentes partes do mundo. E, por conseguinte, proporciona uma caminhada para confrontar as tendências hegemônicas que contornam o globo e que atuam nos mais diversos segmentos da sociedade.

### **Redes sociais, Google e a tradução**

Mesmo em tempos de *fake news*, de ataques de hackers ou, ainda, de altos índices de **depressão** e suicídio entre adolescentes – comumente associados ao tempo gasto manipulando telas, principalmente em **redes sociais** –, o mundo tem se rendido cada vez mais às mídias sociais. Conforme o relatório *Digital in 2019*, realizado pela *We Are Social (2019)* em parceria com a *Hootsuite*, “O número de pessoas ao redor do mundo usando mídias sociais acabou de ultrapassar a marca de

três bilhões e meio (3,5 bilhões) [...]”<sup>8</sup>. Esta informação foi apresentada menos de dois anos depois da divulgação do último relatório, em que os gráficos demonstravam que o número de usuários de redes sociais havia atingido os três bilhões (3.000.000) de usuários. O mesmo relatório acrescenta ainda que “O número de usuários de mídia social cresceu mais de um quarto de bilhão nos últimos doze meses, com 46% da população total do mundo usando mídias sociais em julho de 2019”<sup>9</sup>. A *We Are Social* (2016) destaca a ampliação de usuários de mídia social inclusive em Cuba, país em que houve um aumento de 368% de acessos a redes sociais quando comparado à última pesquisa.

Talvez o que não ocorra à maioria desses usuários de mídias sociais, como o Twitter e o Facebook, é que a tradução ocupa um papel de destaque nesse universo em que as pessoas estabelecem as mais diferentes relações. Nataly Kelly e Jost Zetsche (2012, p. 210) lembram que, em 2007, o Facebook deu voz aos seus usuários no que diz respeito à tradução de seus conteúdos. A ideia era permitir a esse público que pudesse se manifestar quanto ao modo como eles gostariam de ver o site traduzido em suas línguas. Foi uma tentativa em direção ao método de tradução que obteve imediatamente uma resposta da população mundial. Kelly e Zetsche observam também que o ano de 2008 foi marcado pelo ano de internacionalização do Facebook como um resultado da nova configuração dessa mídia, a traduzida.

A partir dessa atitude da empresa – contando com tradutores, voluntários e profissionais no geral que atuam em seu *website* –, atualmente essa mídia social está acessível em mais de setenta idiomas, implicando a possibilidade de um número elevado de outras empresas, dos mais diferentes ramos, divulgarem globalmente seus produtos no formato *online*.

E se a discussão envolve rede virtual e tradução, inevitável mencionar o nome do americano Lawrence Edward Page, conhecido como Larry Page, e do russo Sergey Mihailovich Brin, os fundadores da empresa Google, uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos. As contribuições de ambos, juntamente com os Googlers – como são denominados os membros da equipe Google –,

<sup>8</sup> “The number of people around the world using social media has just passed the 3.5 billion mark [...]”.

<sup>9</sup> “The number of social media users has grown by more than a quarter of a billion over the past twelve months, with 46 per cent of the world’s total population using social media in July 2019”.

viabilizam conexões entre pessoas, lugares e culturas há mais de vinte anos. Google Maps (localizador virtual por meio de mapas e imagens com o auxílio de satélites), Gmail (serviço de correspondência eletrônica), YouTube (plataforma de compartilhamento online de vídeos) e Google Translate (serviço de tradução virtual instantânea) são alguns dos serviços disponibilizados gratuitamente pela empresa.

O Google Translate ou, como é conhecido no Brasil, Google Tradutor, criado em 2006, é atualmente operado em mais de cem (100) idiomas e possui mais de quinhentos milhões (500.000.000) de usuários. Esses números nos mostram que esse recurso parece ter encontrado uma maneira para contra-atacar com o mito bíblico, a confusão das línguas a partir da invenção arquitetônica da Torre de Babel.

Kelly e Zetsche (2012, p.227) mencionam que ao entrevistarem o cientista da computação Franz Och, que trabalhou como pesquisador e chefe de tradução automática na sede da Google em Mountain View, Califórnia, contou-lhes que “em 50% de todas as pesquisas do Google para a tradução de palavras, os usuários digitaram as palavras ‘Google Tradutor’ ”<sup>10</sup>.

Para esses autores,

[...] isso significa que metade de todos os usuários do Google interessados em tradução recorre automaticamente à ferramenta de tradução automática que o Google oferece. [...] você pode perceber, se você pesquisar na web em inglês, não terá problemas para encontrar conteúdo. Ou se você estiver pesquisando online em francês, alemão, chinês ou em muitos outros idiomas importantes do mundo, não existem limites. Você pode encontrar informações sobre praticamente qualquer tópico. Mas e as centenas de milhões de pessoas que não falam essas línguas? É aí que entram os serviços como o Google Translate<sup>11</sup> (KELLY; ZETSCHE, 2012, p. 227).

Questionado por alguns especialistas e reconhecido positivamente por outros, o fato é que, como mencionado por Kelly e Zetsche, o Google Tradutor nos oferece a possibilidade de acesso aos mais diversos conteúdos publicados mundialmente. Sim, há questionamentos quanto à sua interferência, por exemplo, no que se refere à

<sup>10</sup> “[...] in 50 percent of all Google searches for the word translation, users typed in the words “Google Translate”.

<sup>11</sup> “[...] this means that half of all google users who are interested in translation automatically turn to the machine translation tool that google offers. [...] you see, if you search the web in English, you'll have no trouble finding content. or if you're searching in French, German, Chinese, or many other major language online world is your oyster. You can find information on virtually any topic. But what about the hundreds of millions of people who don't speak those languages? That's where services like Google Translate come in”.

aquisição do idioma. Algumas discussões tornam-se acaloradas ao mencionar que esse recurso atrapalharia ou, até mesmo, inibiria as pessoas de buscarem pelo aprendizado de um idioma, uma vez que o esforço nesse sentido pode ser executado instantaneamente por ferramentas como o Google Tradutor, que se encontra acessível a um significativo percentual da população global.

Entretanto, como destaquei inicialmente, pretendo aqui tecer reflexões acerca da relevância da tradução, demonstrando seus benefícios para a humanidade. Então, sem vendar os olhos para questões como essa, que partem para os pontos delicados da tarefa tradutória acessada por meio de ferramentas virtuais, encaminho a discussão para o episódio a seguir narrado por Kelly e Zetsche (2012, p. 228), o qual atende ao meu intento:

Quando o terremoto atingiu o Haiti em janeiro de 2010, o Google usou materiais coletados por uma equipe da Carnegie Mellon University e outras fontes para liberar uma versão do crioulo haitiano em poucos dias. (A Microsoft usou o mesmo material para o mecanismo de tradução de máquinas e lançou a versão crioulo haitiano por volta da mesma época). Embora não tivesse ultrapassado o limite de qualidade da empresa sob outras circunstâncias, o emprego subsequente e disseminado dessa linguagem, pelas equipes de resgate no Haiti, justificou a publicação de uma linguagem que ainda estava apenas em fase alfa de teste<sup>12</sup>.

Muito mais do que revelar, parcialmente, uma das metodologias empregadas pelo Google Tradutor, esse exemplo nos atualiza sobre o alcance de atuação de ferramentas como essa. Colabora também para percebermos que a tradução está em todos os lugares, embora não tenhamos consciência disto.

### **Considerações finais**

Movida, sobretudo pelo olhar acadêmico, mas não exclusivamente, procurei discorrer aqui acerca da ação que tem nos brindado há anos com suas benesses, a tradução. A percepção do cotidiano e de seus eventos que têm transformado nossas

---

<sup>12</sup> “When the earthquake hit Haiti in January of 2010, Google used materials collected by a team at Carnegie Mellon University and other sources to release a version of Haitian Creole within days. (Microsoft used the same material for its machines translation engine and release the Haitian Creole version at around the same time.) Though it would'nt have passed the company's quality threshold under other circumstances, the subsequent widespread use by rescue personnel in Haiti justified the publication of a language that was still only at an alpha stage of testing”.

histórias locais e globais estimularam-me na escolha da temática e conduziram-me nas ponderações materializadas neste espaço discursivo. São vários e distintos os eventos que me impulsionaram nessa direção. O significativo percentual de imigrantes adentrando na Amazônia Legal, região em que habito, pode exemplificar a contento a referência a histórias locais. E quanto às globais, o convívio diário com a tecnologia e o alcance proporcionado por ela, justificam parcialmente minha escolha, e puderam ser percebidos na discussão envolvendo redes sociais e ferramentas de tradução.

Estamos a todo instante convivendo com essa tarefa e, por certo, as discussões a seu respeito continuarão; não estão esgotadas, pois não podemos desconsiderar que no núcleo da questão se encontra a linguagem, que é viva e ganha contornos de acordo com os contextos e espaços de sua realização. Há ainda, portanto, muito para ser descoberto e discutido sobre essa arte que data de poucos séculos após o início do *Anno domini*, mais precisamente de 384 A.D, se considerarmos a mais importante tradução da Bíblia, isto é, a de São Jerônimo e suas consequências na esfera religiosa.

Naquela época já surgiam os primeiros questionamentos advindos da linguagem para a qual a Bíblia estava sendo traduzida – do hebraico para o latim e o grego –, pois a ideia era aproximar a linguagem sagrada à população da época. No entanto, tal objetivo provocou descontentamentos por parte de membros da igreja. Ora, o acesso às escrituras poderia reverter posicionamentos contra a igreja, como de fato ocorreu mais tarde com o desencadeamento dos ideais da Reforma suscitados por Martinho Lutero (1483-1546), que defendia uma revisão das interpretações que diziam respeito, por exemplo, ao pecado e às cobranças de indulgências pela igreja.

Evidentemente, hoje experimentamos contextos bastante dispares daquela época, apenas para citar alguns, nossa era é marcada por: fluxos migratórios intensos, como ilustrados a partir da discussão aqui registrada sobre os refugiados; acessibilidade ao conhecimento viabilizado pelas tecnologias, assim como a intermediação instantânea das ferramentas de tradução, também mencionadas ao longo desta reflexão. E apesar desse novo painel em que nos encontramos, em que convivemos lado a lado com a tecnologia, em uma condição quase que indissociável, os questionamentos que circundam a tradução ainda persistem e se refletem sobre as consequências e benefícios decorrentes da tradução. Entendo, particularmente, como



inegável a sobreposição dos benefícios da tradução para a humanidade, sendo que nesta discussão restringi-me à breve menção a alguns benefícios que despontam para sua ampla importância.

Para finalizar, cabe-me ainda dizer que indicar tais benefícios da prática tradutória e discorrer sobre a maneira de sua materialização, instigou-me reflexões como as elencadas por David Bellos (2012, p.2): “O que podemos aprender da tradução? O que ela nos ensina? O que realmente sabemos sobre tradução?”<sup>13</sup> E ainda, “O que nós ainda precisamos descobrir sobre tradução?”<sup>14</sup>.

Ao certo, essas são questões nada simplistas e das quais pretendo, assim como quem desafia a proximidade com um felino desconhecido, aproximar-me lenta e cuidadosamente.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Minas Gerais: Editora UFMG, 2006.

BELLOS, David. **Is That a Fish in Your Ear?** The Amazing Adventure of Translation. London: Penguin Books, Ltd, 2012.

BENJAMIN, Walter. **The Task of Translator**. In: *Select Writings*. London: Harvard University, 2002.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Quem é um refugiado?** Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio>. Acesso em: 18 de julho, 2019.

CRYSTAL, David. **A Revolução da linguagem**. Trad. Ricardo Quintana. Consultoria Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **How Languages Works**. London: Penguin Books, Ltd, 2006.

\_\_\_\_\_. Foreword. In: **Found in Translation: How Language Shape Our Lives and Transforms the World**, 2012.

BRASIL. Decreto-Lei n. 13.609, de 21 de outubro de 1943. **Estabelece novo regulamento para o ofício de Tradutor Público e Intérprete Comercial no território**

<sup>13</sup> “What can we learn from translation? What does it teach us? What do we actually know about translation?”

<sup>14</sup> “[...] What is it about translation that we still need to find out?”.



**da República.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D13609.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D13609.htm). Acesso em 20 de ag. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. **Indígenas.** Disponível em: [https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder\\_indigenas\\_web.](https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.) > Acesso em 10 de agosto de 2019.

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. Disponível em: <http://www.jucea.am.gov.br/?s=tradutor> (junta comercial amazonas, acesso em 19 de ag.2019).

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE RORAIMA. Disponível em: <http://www.jucerr.ror.gov.br/> junta de Roraima, acesso em 19 de ag.2019.

KELLY, Nataly; ZETZSCHE, Jost. **How Language Shapes Our Lives and Transforms the World.** London: Penguin Books, Ltd, 2012.

LINGUISTICS SOCIETY OF AMERICA. Disponível em: <https://www.linguisticsociety.org/content/how-many-languages-are-there-world>. Acesso em: 15 de ag.2019.

STEINER, George. **Después de Babel:** Aspectos del Lenguaje y la Traducción. Espanha: Fondo de Cultura Económica, 2001.

TENÓRIO, Cibéle. Pesquisadores Desenvolvem Aplicativo Que Auxilia Tradução De Línguas Indígenas. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/governo/news/pesquisadores-desenvolvem-aplicativo-que-auxilia-traducao-de-linguas-indigenas>. Acesso em 8 de maio.2019.

WE ARE SOCIAL. **Digital in 2017:** Global Overview. Disponível em: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>. Acesso em 12 de jul. 2019.